

JORGE DE SENA

Department of Spanish and Portuguese  
Phelps Hall  
Santa Barbara, California 93106

18 de Abril de 1978

Meu caro Colega <sup>(1)</sup>

A sua carta-apelo, que recebi há alguns dias, não pense, como vê, que caiu em saco roto. O que sucedeu é que, desde os fins de Fevereiro até que fiquei de licença para tratamento nos últimos dias de Março, e em tratamentos intensivos de um sério e traiçoeiro mal me encontro, eu não tinha tempo material, e menos mão física, para escrever à máquina, tendo perdido há

---

(<sup>1</sup>) Jorge de Sena dirige-se aqui a Agostinho Almeida, que desde 1977 exerce as funções de Leitor de Português na Universidade de Vanderbilt (EUA), e a quem os organizadores deste número da *Revista Crítica* agradecem a cedência desta carta para publicação. As circunstâncias em que a carta de Sena foi escrita ressaltam claras da simples leitura do texto: o mestre experiente e sabedor responde ao leitor novato, a braços com a difícil tarefa de divulgar condignamente no estrangeiro a língua e a cultura portuguesa. A este número da *Revista* interessa salientar a lucidez de Sena, despida de nacionalismos baratos, e o seu usual rigor — que não faz concessões, nem à arrogância ignorante dos poderosos, nem à ignorância arrogante dos fracos — ao debruçar-se sobre os problemas, tantas vezes silenciados, da cultura (ou ciência) central e periférica, e do papel do poder económico e político na determinação do valor e expansão culturais. No mesmo sentido é ainda de sublinhar a referência exultante de Sena à inexistência em Santa Bárbara de um Departamento de Estudos Latino-Americanos, instituição que em muitas escolas serviu também de trampolim para o desenvolvimento do imperialismo americano na América Latina.

muito quase o hábito de escrever de outra maneira. Mas aqui me tem, e creia que não podia ter vindo chorar em ombro mais experiente e compreensivo dos seus problemas, do que este a que se dirigiu. Porque, meu prezado amigo, eu antes de ir para treze anos de Norte-América, passei pelo crisol de seis anos de Brasil, preparação inestimável em humilhações a lusitanos, apesar de eu ter entrado lá, e mais ainda aqui, «por cima», com todos os respeitos e considerações... e ter sido sempre catedrático e chefe do Departamento (duas vezes no Brasil, e aqui, em SB, há anos que o sou duplamente do de Espanhol e Português, e do de Literatura Comparada). [Não temos Latin American Dept — livra!] <sup>(2)</sup>

Para começar, eu ignorava por completo que a Vanderbilt tivesse solicitado e obtido um «Leitor» e que ele era V. — quando há anos eu tomei a iniciativa de solicitar um que tenho tido (vamos no terceiro agora) sempre, e com bons resultados e nenhuns problemas especiais, houve por vários lugares uma espécie de indignação, que, agora, ao que vou vendo, se transformou no desejo de fazerem o mesmo que eu.

A questão da *língua brasileira* é história, como bem saberá, de uns brasileiros rabiosos e analfabetos em linguística, cuja banha de cobra sempre houve «americanos» e até «luso-americanos» se acham no dever de usar, para mostrarem, para agrado do Brasil ou porque na verdade se formaram lá e para lá voltados, como detestam Portugal tanto como os brasileiros mesmos. Claro que tal vai de par com grande desconhecimento da literatura portuguesa, mal estudada e mal lida, e necessariamente que o «detestar» é boa desculpa para a falta de informação... Note que, na América, o português começou pioneiramente há décadas, por esforço gratuito e devoto de uns quantos caturras ilustres, já mortos ou reformados, como uma espécie de apêndice da Espanha, em que nem o Brasil nem a América espanhola contavam para mais que apêndices de apêndices. E mais foi vivendo, com alguns acrescentando a literatura brasileira, como justo, à portuguesa. No fim da guerra, o «português», por razões estratégicas, guerra fria, etc., foi incluído na lista das línguas *críticas*, para o estudo da qual o Governo Federal daria subsídios aos centros que se formassem. Já os havia, que com essas massas se expandiram, e outros se formaram. Foi na fase de expansão deste estado de coisas que eu, em 1965, cheguei do Brasil à Univ. do Wisconsin, que tinha um dos mais antigos centros, e o mais prestigioso e desenvolvido, para o crescimento do qual me haviam convidado (e salvo

<sup>(2)</sup> Nota acrescentada à mão pelo autor.

do Brasil, naquelas horas negras de depois de 1964...). Todavia, a ênfase no estudo da língua era inteiramente posta na pronúncia brasileira, porque era o Brasil que estava nas entrelinhas dos interesses federais (eu, com uma pronúncia «standard» que sempre tive em Portugal, e que se abriu um pouco no Brasil, porque se eu falasse portuguesmente depressa, sem abrir pronúncia as vogais, os estudantes só me entendiam pela metade, não tinha desta parvoíce mais que a raiva da estupidez linguística, que separava rigidamente o que «se diz no Brasil» e o que «se diz em Portugal», o que, além dos meus estudos, eu conhecia de experiência própria não ser o que esses asnos diziam). Uma vez, durante o meu primeiro ano de Madison-Wisconsin, uma aluna muito pedante (mais tarde fez-se amável, e amiga minha) foi queixar-se ao Chefe de Departamento contra mim, alegando que a minha presença *estragava* a linda pronúncia que ela e outros achavam que brasileiroamente tinham, envenenados pelo malandro que chefiava, americano, os cursos de língua. E isto acontecia apesar da solidariedade de um admirável e competente brasileiro 100% que ensinava os níveis superiores da língua, filologia e linguística, e era contra parvoíces em que ele sabia mais que toda a gente junta. No entanto, mesmo com o apoio dele, nos anos que estive, e quanto aos cursos de literatura, que em nível mais elevado, de portuguesa e brasileira, eu ensinava, defrontei-me sempre com uma parede que não concedeu mais, por ano, que dois cursos de lit. port. para três de Brasileira. Houve muitas razões para eu me mudar, aceitando o excelente convite da UC, aonde não posso ser catedrático de mais alta categoria do que sou, mas uma delas foi a garantia, sempre respeitada até hoje, de que Portugal e o Brasil seriam tratados partes iguais. Quanto à pronúncia, estou, como sucede na Costa Leste, numa especial área que, mais e mais, exige o compromisso, visto que os «lusso-americanos», açorianos na maioria, querem o português de Portugal, agora que começam a descobrir as universidades. Aí nas profundas do Sul, estes ventos ainda não chegaram, e também não a consciência que é com português de Portugal que poderão comunicar-se com os novos países africanos...

Mande pois à fava, com risonho desprezo, afável firmeza, e tranquila paciência (sem estas coisas uma pessoa perde todas as batalhas na América, a menos que, de repente, esteja em situação segura e forte para desferir um golpe dos tais, de que esta tropa, em face do nosso ibérico arreganhar de dentes, se mija de medo — porque o que eles sempre querem é que a gente perca a razão que tem, para virarem logo o bico ao prego), os cretinos que lhe dizem coisas, e arranje indiferentes e gracio-

sas respostas à letra. Se as coisas não melhorarem, tenha uma explicação calma com o seu chefe de departamento. No fim das contas, para que foi que o pediram, para pião das nicas? E, piorando as coisas de maneira desagradável, comunique ao ICP as suas queixas, e a sua opinião de que essa gente não precisa nem quer, para mais que ornamento, um Leitor que não sabe respeitar.

Quero crer porém que o meu Amigo está a sofrer uma crise de adaptação, que tem também raízes no ego-centrismo lusitano, que a gente descobre no estrangeiro ser a mais insensata das coisas, uma vez que o largo mundo só vagamente sabe que a gente existe, desde que se fala na Revolução de Abril, e olhe lá... Medite sinceramente nisto, que, ainda que nos doa, tem de ser tomado em conta.

Que mais lhe direi? Por agora mais nada, nem posso continuar a escrever. Espero no futuro receber de si melhores notícias. E um último conselho: de um modo geral, a maioria de VV. chega aqui com, sem que seja culpa vossa, uma total ignorância de Brasil e da lit. brasileira que é uma admirável coisa, e estão totalmente desarmados para lutar *no mesmo terreno*. Não sei se é o seu caso; se é, ponha-se a ler as «obras-primas» que não perde nem o tempo nem o feitio. Lembre-se de que o Brasil realmente existe, é uma prodigiosa cultura, e Portugal não se pode permitir o luxo de o ignorar, como os brasileiros se permitem ignorar a nós (sabendo, muitos deles, de lit. port. o que a maioria dos portugueses não sabe, verdade nua e crua que o não parece, visto que, sedentos de favores lusitanos, passam a vida a compendiar e repetir tudo o que os cretinos da nossa «fermosa estrivaria» orneam, para ganharem viagens que lhes tanto faz que sejam pagas pelo Salazar como pelo PC).

E aqui tem. Creia sempre colega ao seu dispor o

Jorge de Sena